



# Natália Alves Drummond (Itabira/MG)

## O CORAÇÃO FALA AO POETA

Montanhas de ferro, baixada da serra,  
jabuticaba, manguito, banana da terra.  
O tempo quer ser cavalo manso, sussurra o coração ao menino Drummond,  
quer ser bodoque, bola de meia, gangorra de vaivéns,  
andar no chão de pedra brilhante, brincar na Fazenda dos Doze Vinténs.  
Fogem-se as horas, tem pressa o tempo, já não se deixa arrear,  
acabou a brincadeira, faz pirraça, não quer esperar.  
Passa, perpassa, ameaça:  
chegou a hora, Drummondzinho, de se agigantar.

Drummond, Drummond...  
Bate e repica o seu coração.  
Drummond, Drummond...  
O destino faz a rota, aponta a mira,  
leve em tuas mãos as bênçãos de Itabira.  
Saudade é lembrança, é memória, impregna, ninguém tira.

Drummond, Drummond...  
Esse é o som que cutuca o seu peito, acorda o seu dom.  
Liberte as palavras, sem altivez,  
viaje no improvável, marque o tom, desfaça a sensatez.  
Denuncie o mundo, ria, sobre a ferida, fale da vida.

O homem Drummond e o seu coração,  
às vezes se entendem, às vezes não.  
Mas intrépidos seguem a procurar  
as palavras certas para contar  
o que vem de fora para dentro e de dentro para qualquer lugar.

Só Deus sabe as voltas que essa vida pode dar,  
e a Minas de tropeiros, oratórios e belos horizontes,  
dá as mãos à terra do Santo Guerreiro, salve Rio de Janeiro!  
Drummond pausa a cidade: boa prosa, tarde inteira,  
Mário e Oswald de Andrade, Vinícius de Moraes e Manoel Bandeira.  
(A poesia a lhe elevar).  
José! Amar!  
No meio do caminho...  
(A poesia a lhe eternizar).

Calmaria de alma inquieta.  
Rosto de fácil desenho, singularidade.  
Olhar saudoso, sorriso de lado, coração poeta,  
Para sempre, Carlos Drummond de Andrade.



# Conceição Ribeiro de Araújo

## UM BRINDE, POETA!

Poeta,  
Vem brindar conosco tua eternidade!  
A infância emoldurada no tempo onde passeiam sonhos  
renascem pessoas, causos, contos, cacos,  
hiatos.

Vem percorrer teu vasto mundo  
em cuja memória habitam histórias,  
o ranger de portas e porteiros  
que guardam as lembranças mais profundas  
de um tempo onde pairam as fazendas,  
bois, carrapatos e contendias.

O estalar dos chicotes,  
o mugido do garrote, e o cheiro bom do café  
preto como a preta velha a embalar gerações.

Vem!  
Ainda tocam os sinos  
é hora de acordar.  
Ouve, então, as badaladas  
esse sonoro cantar das notas mais afinadas  
que conduzem os fiéis  
até mesmo os infiéis  
para as graças do Senhor  
ou para um Anjo encontrar.

Então, toma as mãos do Anjo  
visita, também, os arcanjos  
não apenas os mais puros que tocam os seus flautins.  
Mas, aquele em cujas asas a luz do sol se furtou.  
Porque as palavras guardadas anunciadas estão.  
Escuta o som das trombetas  
é hora do anúncio, afinal.  
Carlos, o gauche no tempo  
atravessa gerações  
que mostram as sete faces  
e a fragmentação.

Ah, poeta...  
Que linguagem perspicaz!  
E isto é modernidade que consagrada estará.  
E dizem que morto estás.  
Como pode-se acreditar?  
Seus versos mais que perfeitos  
comovem, instigam, enfurecem,  
outros com eles adormecem  
porque se de fel se enchem  
de mel também se preenchem.

Cabem todos no espaço de um branco ou manchado papel  
vão delineando vidas, pedras no meio do caminho,  
confidências, esperanças, rosas que brotam no asfalto,  
apitos dos guardas ou trens, as flores mais belas de maio,  
e do nascer ou morrer  
o ensaio.

Cabem as paixões humanas que permanecem no tempo  
os encantos do cinema e as belezas de Ipanema.  
Cabe o grito mais profundo que dita a norma perene  
do sentimento do mundo.  
Levantemos, então, a taça  
brindemos o infindável  
que retrata os teus dizeres:  
“E como ficou chato ser moderno.  
Agora serei eterno”



# Sílvia Tatiana Miranda

## CARTA AO POETA

A sua ausência ainda é saudade  
É falta instalada no silêncio da máquina de escrever,  
É Memória na coluna do Jornal, por suas crônicas da vida.  
O poema declamado no noticiário ainda ecoa...  
“E agora José”? Mas você, você nunca morreu.

Dos poemas mais famosos aos livros póstumos;  
Seu mundo infantil,  
Povoado por paquidermes em histórias de circo;  
As entrevistas, fotos pessoais;  
Tudo é ouro da herança que nos deixaste.

A imprensa faz notícia em cima de seus versos.  
Críticos Literários publicam pesquisas.  
São inúmeras Discussões: Drummond x Sua pedra no caminho.  
Correspondências com outros escritores,  
Memórias da Infância,  
Tudo veio à superfície pública.

As suas palavras ressaltam  
Os poemas viram Música, Teatro e Cinema.  
Copacabana tem hoje uma réplica, de sua presença na praia.  
Belo Horizonte fechou um quarteirão,  
Para celebrar seu encontro com Pedro Nava.

Itabira é ainda pequena, mas, existem os “Caminhos Drummondianos”.

No Teatro com Paulo Autran,  
Perguntei sobre Carlos, o amigo que ele lembrava.  
E me emocionei ao ouvir histórias do amigo,  
Que te conheceu de perto,  
Dizendo sobre suas sinceras manifestações  
Confirmando sua timidez.

E eu continuo a procurar respostas  
Para as perguntas que você fazia ao José;  
Ao mundo que os ombros suportam;  
A Itabira de ferro, aos burocratas, a culpa de Deus.  
Mas minhas indagações não cabem aqui,  
Pois você Drummond,  
Você é um poeta insondável.  
É um poema de infinitas respostas.

Também não cabe na classificação de Modernista ou Cronista  
Um observador do cotidiano simples;  
Da vida que passa, para virar poesia.  
Mesmo sem encontrar todas as suas respostas,  
É maravilhoso deparar com as marcas Drummondianas,  
Que deixastes nos versos desta vida.  
Obrigada,  
Carlos Drummond de Andrade